

O LATINISMO NA LÍRICA MEDIEVAL GALEGO-PORTUGUESA

FRANCISCO GONZÁLEZ LOUSADA
(Universidade da Coruña)

ABSTRACT: Our work aims to analyze the “latinismo” in the phonetic, morphosyntactic and lexical, this prevented that the vision of this type of loan is limited to the field of lexicology. The proposal will limit the field of communication to the profane lyric (XIII-XIV centuries). Within this corpus are some elements that focus our interest. The main characteristic of this genus is the presence of words that experts define as “archaic.” These “archaic” are real “estilemas” from language of trobador that sometimes appear close to the equivalent meaning: eixidas / saída, sanha / ira, etc. The analysis of these and other “latinismos”, coming from the field of science and church in several cases, will complete this work which aims to clarify certain details regarding the formation of galician language.

KEYWORDS: cultismo, latinismo, medieval portuguese.

Na linguística galega atual usam-se os conceitos de “cultismo”, “semi-cultismo” e “palavra patrimonial ou herdada” para classificar os vocábulos de origem latina que passaram para as línguas romances. Provavelmente, esta distribuição tem a sua origem nos estudos clássicos para a história da língua espanhola, feitos por autores como Ramón Menéndez Pidal (1994). Assim explicava o prestigioso filólogo o primeiro destes termos:

Las voces literarias de introducción más tardía en el idioma, tomadas de los libros cuando el latín clásico era ya lengua muerta, son las que llamaremos en adelante **voces cultas**, y conviene distinguirlas siempre en el estudio histórico, pues tienen un desarrollo distinto de las voces estrictamente populares. Mientras éstas son producto de una evolución espontánea y no interrumpida desde los períodos más antiguos, las palabras cultas son introducidas cuando esa evolución popular había terminado o iba muy adelantada en su camino, y por lo tanto no participan de toda la compleja serie de cambios que sufrieron en su evolución las voces primitivas del idioma

Menéndez Pidal (1994: 9)

Com certeza, esta é uma das definições “canónicas” na linguística histórica, quer por iniciar a reflexão sobre esta questão, quer pela importância do autor como inovador dos estudos filológicos. À descrição de este termo acrescentar-se-ão outras opiniões que matizam ou desenvolvem as asserções anteriores, que compõem o seguinte quadro:

- As vozes cultas procedem do latim clássico, ainda que alguns autores incluem o latim medieval (Penny 2001:34, Ferreiro 1997:22).
- Existem por oposição às palavras populares (adjetivadas também como herdadas ou patrimoniais). Os cultismos permaneceram alheios ao processo de mudança que sofreu o léxico patrimonial e a única transformação que se operou nos primeiros foi a adaptação fonotática à língua de receção.
- A introdução tardia no idioma permitiu que escapassem aos processos gerais de mudança linguística.

Além destes pontos, a própria denominação revela a consideração de que os cultismos eram um reflexo das orientações culturais, artísticas e ideológicas do período histórico em que penetraram na língua, sendo, por tanto, uma contribuição emanada diretamente das classes elevadas. Esta aproximação sociolinguística do fenómeno incide na atuação das diferentes classes sociais, que se manifesta no uso da dicotomia popular-culto.

Outro elemento controverso da teoria é a noção de semicultismo. A definição exata deste conceito é uma tarefa complexa pela ambiguidade dos critérios que estabelecem os diferentes estudos para indicar que formas entram dentro desta categoria. Isto provocou hesitação no professor Wright:

A further idea that has emerged is that of the ‘semicultismo’. This term was originally applied to words that had developed regularly in some ways but held back in others, but the precise implications of labelling all such words as ‘semicultismo’ have never been entirely clear.

Wright (1976: 14)

Como se indica no fragmento anterior o fator que determina que uma palavra seja etiquetada como “semicultismo” é o hibridismo, uma posição intermédia entre a forma culta e a popular; isto é, apresenta um certo grau de mudança fonética como os vocábulos patrimoniais, mas esta é divergente ou incompleta a respeito do que se considera uma evolução “normal” da palavra. Para exemplificar isto temos os resultados do grupo consonântico latino *pl-*. Considerar-se-iam patrimoniais no português atual os resultados que apresentam fricativa pré-palatal surda: chorar<PLORARE, chaga<PLAGA, etc. No entanto, formas como *prazer* seriam etiquetados como semicultismo por apresentarem rotatização do *-l-* latino, ainda que esta evolução esteja amplamente documentada tanto no galego-português medieval, como nas

suas variantes hodiernas. Benítez já indicava os problemas existentes para limitar o conceito:

¿Dónde está la frontera, el límite que separa a la voz culta pura de esta un poco pervertida, a la que tenemos que degradar a semiculta? ¿Qué circunstancia puede definir a este semiser, a este ser, y no ser cultismo? Tampoco a la gramática positivista le fué difícil resolver el problema. Aquellas voces cultas de introducción muy temprana, sometidas a un más largo proceso evolutivo, que modificaron en parte su fisionomía

Benítez (1957:22)

Como assinala o autor citado, a linguística tradicional optou por criar um espaço para classificar aquelas vozes que não se podiam explicar através das mudanças fonéticas regulares.

Outra casuística em que se pretendia justificar esta divisão, produz-se quando do mesmo étimo latino resultam várias formas romances. São os chamados *dobletes* em espanhol ou variantes alotrópicas em português, seguindo José Leite de Vasconcellos, que podem, inclusive, apresentar um resultado triplo. Este é o caso de ARTĪCŪLU, que oferece no português atual três formas divergentes que seriam classificadas assim dentro do anterior marco teórico:

- (1) ARTĪCŪLU > *artelho* patrimonial
artigo semiculto
artículo cultismo

O significado de cada um dos vocábulos seria o seguinte:

Artelho. Juntura óssea que une a perna com o pé. Também o ponto de junção de dois ou mais ossos.

Artigo. Classe de pronome. Subdivisão dum texto. Escrito inserido numa publicação periódica.

Artículo. Segmentos que formam o corpo dos animais articuladores. Falange dos dedos.

Do ponto de vista semântico, a forma semiculta não guarda relação com a patrimonial. Porém, a culta compartilha, parcialmente, o seu significado com outras. Foneticamente, considera-se que a palatalização do grupo -c'l- (*abelha, orelha, joelho*) é patrimonial e, portanto, anterior à queda de -l- em posição intervocálica (p.e. perigo < perigoo < PERĪCŪLU). Não obstante, sem contar na atualidade com estudos que demonstrem esta circunstância, além de constatar que a segunda evolução é generalizada em galego-português, não podemos admitir que o segundo vocábulo seja mais culto que o primeiro. Neste sentido, pode resultar mais oportuna a hipótese de Wright (1976) que sugere que as evoluções fonéticas divergentes de formas como *artigo* e *artelho* são produto da especialização semântica.

Observámos nos anteriores parágrafos os conflitos e dúbidas que provocava na linguística histórica a idea tradicional do cultismo e a terminología adjacente. A conotação que arrasta o termo “culto” (ou “popular”) dificulta o estudo do que comumente vinha designando: o latinismo. A língua é un produto social e as súas palabras non son patrimonio de camadas “cultas” ou “populares”:

La formación del cultismo muestra que el lenguaje es una tarea colectiva, igualitaria y anónima, en la que participa el conjunto de la comunidad hablante, provocando ocasionalmente la resurgencia de un étimo inscrito como pasado nocional, en la representación del vocablo. Así se explica que las voces cultas, aunque derivadas de un momento mental pretérito, accedan con facilidad al habla común, siendo inmediatamente aceptadas y asumidas por todos.

Molho (1985: 480):

Como refere este trecho, existen “cultismos” “populares”, revelando mais unha vez a inadequación do termo ao ítem que pretende definir. Clavería Nadal (1991:12) ilustra este facto no castelano con os exemplos *raudo* e *rápido*. A forma patrimonial tem un uso reducido, sendo habitual nos discursos especializados, e o segundo é un latinismo largamente difundido en calquera das variantes diastráticas.

O termo latinismo parece-nos que define mellor o que historicamente era definido como “cultismo”, centrando-se esta designación no aspecto fonético e minorando a componente sociolinguística. Portanto, pensamos que o empréstimo proveniente do latín debe ser etiquetado como latinismo, independentemente de se empregar nos registos formais da lingua. Non é necesario atar o “cultismo” ao latinismo. Algúns autores indican que os helenismos tamén poden formar parte das voces cultas e existen empréstimos procedentes de outros idiomas que poden ser categorizados como “cultos”.

O latinismo como empréstimo é o resultado do contacto entre linguas. A particularidade deste caso é que as linguas recetoras proceden do latín. Ao tratarmos a presenza dos latinismos no período medieval, estamos tamén afrontando o nacemento da *scripta* en galego-portugués e a interferencia entre dúas normas: unha latina e unha outra romance que se irá emancipando progresivamente. Diversos estudiosos, como Wright (1989) e Puentes Romay (2007), coinciden en que a aparición da nova *scripta* está relacionada con a introdución na Península da liturxia romana, que supón a reforma do latín eclesiástico, aumentando as diferenzas entre a norma escrita (latina) e unha hipotética oralidade romance. A percepción do latín como lingua escrita é obxecto de unha polémica teoría por parte de Wright:

En el caso de una palabra normal, usada muchas veces tanto en la Galicia del siglo diez como en la del siglo segundo (aunque fonéticamente distinta), no tenían gran problema; por ejemplo descubrían al aprender a leer, que la forma de escrita *super* era la de la palabra frecuente que pronunciaban [sób]re] (o incluso [sób]re] si creemos a Walsh 1991), y si tenían que leerla en voz alta, la

leían así sin hesitar. Por eso la mayoría de los gallegos de la época habrían podido entender textos que se les leyeran en voz alta, aunque fueran analfabetos, más o menos lo mismo que ahora; y por eso es poco generosa la visión anticuada de las comunidades del temprano medieval que a veces se nos ofrece todavía, la de una comunidad casi totalmente aislada de la cultura escrita. Sabemos que los documentos notariales solían leerse en voz alta a los interesados para que los firmaran luego.

Wright (1991: 6)

A impossibilidade de ler os textos escritos na nova norma latina sería o que potenciaría a *scripta* romance, aproximada ao latim no início, que evolui para constituir posteriormente uma norma inovadora a meados do século XIII.

O razoamento anterior é plenamente válido para a documentación notarial, mas deve ser reconsiderado quando tratarmos dos textos literários e, concretamente, da poesía trovadoresca. Referimo-nos ao facto de os testemuños de maior importancia para a nosa investigación serem apógrafos posteriores ao período de desenvolvemento do fenómeno trovadoresco. A maioría dos textos que chegaron até nós foron conservados en dous cancioneiros elaborados no século XVI, duzentos anos despois da extinción da escola lírica galego-portuguesa. Portanto, non é posible unha observación directa da escrita trovadoresca, xa que os textos transmitíronse a través de copias sucesivas, polo que debemos supor alteracións a respecto do documento orixinal, além do desaparecemento de fragmentos e outros factores derivados do devir histórico, que impoñen grandes dificultades e inúmeras cautelas para “rastejar, a modo de palimpsesto, a pegada doutras escritas anteriores” (Souito Cabo, 2008: 14).

Outro factor relevante é a edición (*Lírica profana galego-portuguesa*, editada polo Centro Ramón Piñeiro e coordinada pola profesora Mercedes Brea) que manexamos para o estudo dos latinismos na poesía medieval galego-portuguesa. Nesta compilación do conxunto da lírica medieval están integrados textos que foron xa editados en antoloxías, edicións de cancioneiros individuais e colectivos, monografías de trovadores e jograis, etc., seguindo a lectura que os coleccionadores desta obra consideraron máis fiable. Isto implica que os textos foron editados con criterios diversos: poderáronse reducir variantes, interpretar de maneira diferente unha mesma grafía ou signo, etc.

Contudo, as circunstancias non poden ser un obstáculo para estudarmos a lingua das cantigas medievais. Decidimos, no caso de termos dúbida sobre algunha atestación, consultar unha reprodución do manuscrito, confrontando-o con outras edicións do mesmo texto.

Fazem parte do noso *corpus* os 1679 textos que compoñen a lírica profana. Excluimos da investigación as rubricas atributivas e a *Arte de Trovar* fragmentaria pertencente ao Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Ficam de fora aqueles segmentos de cantigas em norma latina, empregados nas cantigas de escárnio e maldizer como caracterização linguística do estamento eclesiástico.

A nossa investigação centra-se em dois aspetos:

a) A análise dos resultados dos grupos consonânticos latinos tautosilábicos e heterosilábicos que mostram variação nos textos trovadorescos (pl-, fl-, cl-, -ns-, -nf- e -gn-).

b) A especificidade no uso do latinismo léxico neste tipo de textos.

No primeiro caso, os resultados demonstram que alternância se produzia, fundamentalmente, entre duas estruturas. Assim nos grupos tautosilábicos temos variação entre as formas que mantêm o -l- latino e aquelas com rotacismo. Nos tautosilábicos exterioriza-se a adaptação dos encontros consonânticos latinos à estrutura silábica romance com a eliminação da consoante implosiva.

Relativamente ao léxico trata-se de estabelecer o uso destas formas latinas e o seu submetimento às normas estilísticas dos textos líricos, motivado nalguns casos pela estrutura externa e noutros pelas necessidades expressivas do próprio poema.

Os grupos consonânticos tautosilábicos pl-, fl- e cl- evoluíram maioritariamente para a palatalização, derivando no galego-português medieval na africada pré-palatal surda (Williams, 2001: 74-75; Ferreiro, 1999: 149-150). Porém, observa-se a manutenção do grupo consonântico em *clérigo*¹ (v.6, 2,15) (v.3, 9,1) (v.5, 9,1) (v.5, 50,2) (v.13, 50,2) (v.18, 50,2) (v.26, 50,2) (v.14, 63,75) (v.7, 64,15) (v.13, 64,15) (v.17, 64, 15) (v.19, 64,15) (v.14, 126,15) e *planeta* (v.3, 30,18) (v.12, 30,18) (v.2, 30,22) (v.8, 30,22) (v.23, 118,3), as únicas formas latinizantes que não apresentam variantes com rotatização da consoante lateral. Este é o caso de *flor(es)* (v.19, 14,9) (v.2, 14,14) (v.14, 25,2) (v.16, 25,128) (v.17, 25,129) (v.15, 135,3), *clerizia* (v.36, 16, 1) (v.11, 30,18), *pleito* (157,57) e *plazer* (v.1, 48,3) (v.2, 25,61) (v.3, 129,1) que alternam com *frol* (v.35, 14,19), *frolido* (v.6, 14,9), *frolidas* (v.2, 83,1) (v.5, 83,1), *frol(es)* (v.3, 114,2) (v.7, 114,2) (v.1, 114,4) (v.3, 114,4) (v.5, 114,4) (v.6, 114,4) (v.8, 114,4) (v.10, 114,4) (v.13, 114,4) (v.15, 114,4) (v.18, 114,4) (v.20, 114,4) (v.23, 114,4) (v.25, 114,4) (v.28, 114,4) (v.30, 114,4), *frorecer* (v.5, 49,4) (v.3, 49,4) (v.13, 49,4) (v.23, 49,4) (v.33, 49,4), *crerezia* (v.3, 94,9), *crerizia* (v.43, 94,15) e *preito/preyto* com 80 testemunhos, por último, *prazer* e os seus derivados que têm um total de 116 ocorrências.

Estas alternâncias são habituais, como veremos mais adiante, e refletem a influência dos usos escritos latinos na nova norma romance. Os resultados com rotacismo são amplamente maioritários e as únicas formas que preservam o grupo latino na totalidade dos casos são *planeta* e *clérigo*. Todos eles,

¹ O modelo de citação das formas analisadas é o que segue: primeiro o número do verso (v.X) e depois, separado por unha vírgula e um espaço, o número da cantiga segundo o sistema tavaniano (X,X).

com a exceção de *flor / fror / frol*, procedem de discursos especializados (científico, eclesiástico e jurídico) que a norma romance tomou diretamente do latim. O facto de que este latinismo designasse uma realidade que fizesse parte dos usos quotidianos da língua pode causar certa perplexidade, mas no galego moderno convive dialetalmente com *chor* e *chur* e com derivados verbais como *chorear*, *chovar* e *churir*. O professor Mariño Paz propõe, com múltiplas cautelas:

a hipótese de que a mudanza fonética [...] talvez só alcanzou o substantivo flor e os seus derivados unha difusión limitada xeográfica, social e/ou contextualmente, de tal maneira que as variantes conservadoras (con [fl-]) se acharían nunha situación que lles permitiría prevalecer sobre as innovadoras, de tal xeito que xa no século XIII serían as propias do uso lingüístico común. *Flor* podería ser unha variante conservadora de *chor*.

Mariño Paz (2008: 517)

Outro grupo consonântico que apresenta a mesma variação em galego-português é *gl-*. Contudo, nos textos trovadorescos não apresenta variação: encontramos só duas formas no adjetivo *gloriosa* (v.17, 9,2) (v.12, 83,11), referido sempre à virgem Maria. O TMILG oferece, não obstante, um total de 322 testemunhos de *groriosa*; todos eles pertencentes às Cantigas de Santa María, exceto um que aparece num testamento do século datado em 1407. Frente à forma culta *gloriosa* que conta com menos atestações, mas tem um mais difuso no tempo e presença em textos líricos, notariais e da prosa literária.

Passemos agora a falar do grupo consonântico *-ns-* que aparece em posição implosiva. A assimilação regressiva que desemboca em fricativa alveolar sonora em *mostrar* tem o seu reflexo em *defesa* (v.7, 30,18) e *defeso* (v.9, 30,18) (v.1, 30,25), formas de participio do verbo *defender*. Todas elas extraídas de poemas de Estevam da Guarda. Mantém-se o grupo latino noutros substantivos derivados de *defender* como *defenson* (v.10, 30,35) (v.18, 30,35) (v.15, 106,6) (v.14, 118, 5) e *defensa* (v.8, 118,5), mas também achamos outro caso de *defesa* (v.8, 30,25) com valor nominal. O grupo consonântico *-ns-* permanece inalterado nas atestações de *cons(s)elho* (v.5, 2,6) (v.41, 6,9) (v.1, 11,2) (v.23, 16,2) (v.2, 18,2) (v.11, 18,2) (v.10, 18,4) (v.15, 18,22) (v.14, 25,11) (v.20, 25,66) (v.18, 25,137) (v.17, 95,5) (v.24, 97,5) (v.30, 97,6) (v.31, 97,14) e dos seus derivados *cons(s)elhar* (v.2, 9,9) (v.9, 9,9) (v.3, 11,12) (v.10, 16,8) (v.3, 16,13) (v.1, 97,14) (v.5, 97,14) e *conselhador* (v.18, 97,5) (v.23, 97,26) (v.8, 152,1), alcançando um total de 172 testemunhos, e em *mansa* (v.11, 3,2) (v.13, 63,4) (v.9, 79,13) (v.5, 101,12) (v.11, 102,12) (v.17, 101,12) (v.21, 111,5) (v.19, 114,21) (v.12, 125,16) (v.16, 125,28) (v.5, 125,38) (v.10, 131,3) (v.16, 141,13) (v.7, 148,2) (v.6, 151,14) (v.5, 152,16) e as formas derivadas *mansedume* (v.28, 114,6) (v.10, 114,20) e *manseliño* (v.26, 14,9) / *manselinha* (v.2, 29,1) (v.5, 29,1).. Existe variação em *pensar* (v.1, 8,5) (v.5, 23,1) (v.12, 45,1) (v.3, 45,2) (v.9, 78,23) (v.11, 94,15) (v.5, 104,1) (v.20, 111,3)

(v.15,111,5) (v.3, 120,21), que com as formas conjugadas junta 40 atestações, frente a um total de 727 de *pesar*, cujo levado número de testemunhos se deve com certeza à importância da “coita” como motivo temático nas composições amorosas, mas este caso deve ser analisado na parte do nosso artigo relativa ao léxico, ao tratar-se duma duplicidade de resultados fonéticos condicionada pela especialização semântica.

A tendência à assimilação da consoante nasal por parte da fricativa labiodental (Ferreiro, 1999: 169) manifesta-se nas seguintes formas: *iferno* (v.4, 34,1) (v.15, 34,1), *ifante* (v.6, 25,123) (v.14, 25,123) (v.22, 25,123) (v.14, 76,1) / *yfante* (v.12, 62,1) e *cofonder* (v.4, 30,7) / *cofonda* (v.5, 43,16) (v.13, 43,16) (v.19, 43,16) (v.19, 63,21) (v.12, 63,35) (v.24, 121,4) (v.10, 136,5) (v.16, 136,5) (v.17, 148,7) / *cofondi* (v.1, 43,17) (v.6, 43,17). Porém, existem casos em que se mantém o grupo latino: *inf(f)erno* (v.11, 9,5) (v.4, 34,1) (v.15, 34,1); *infante* (v.2, 30,1) (v.14, 30,1) (v.3, 30,23) (v.1, 38,3bis) (v.15, 38,3bis), as duas primeiras formas desta relação têm o significado de “menino, rapaz”; as restantes, no entanto, referem-se aos descendentes régios, do mesmo modo que *ifante*; e por último, o verbo *confonder* (v.11, 120,32) (v.12, 120,32) / *confonda* (v.14, 7,10) (v.10, 25,67) (v.10, 43,16) (v.5, 63,35) (v.13, 70,21) (v.6, 70,28) (v.15, 116,6) (v.14, 120,11) (v.7, 125,22) (v.4, 147,7) (v.6, 148,8) (v.39, 157, 5) / *confunda* (v.27, 97,2). Mantém-se sistematicamente o grupo -nf- no adjetivo *infernal* (v.2, 18,34) (v.3, 25,127) – neste caso só contamos com duas ocorrências, mas pudemos encontrar outros 19 testemunhos todos com o grupo latino -nf-, na lírica religiosa –, o verbo *confortar* (v.29, 62,2) / *conforto* (v.5, 25,90) / *confortado* (v.5, 66,1) / *conforto* (substantivo) (v.3, 26,1) (v.10, 154,2), *infançon* / *infanções* (v.2, 18,28) (v.2, 49,2) (v.8, 56,4) (v.12, 56,9) (v.4, 60,4) (v.10, 60,4) (v.12, 60,4) (v.5, 60,7) (v.2, 70,34) (v.5, 70,34) (v.1, 70,37) (v.16, 70,37) (v.20, 70,52) (v.2, 77,6) (v.1, 87,5) (v.6, 87,9) (v.13, 87,9) (v.20, 87,9) (v.2, 87,10) (v.1, 87,13) (v.23, 87,13) (v.2, 97,9) (v.7, 97,9) (v.1, 105,1) (v.3, 120,29) (v.4, 120,44) (v.17, 120,44) (v.2, 120,48) (v.4, 120,51) (v.22, 125,14) e *confessar*: *confessou* (v.25, 50,2) (v.28, 50,2) (v.5, 125,11) / *confessava* (v.2, 81,10) e o substantivo *confissom* (v.21, 16,14).

Entre as variantes analisadas temos a forma *infferno* (v. 11, 9,5). Não sabemos se é um simples erro do copista ou é uma correção em que se espelha a assimilação regressiva (INFĒRNU > ifferno), passo anterior ao resultado *iferno*. Apenas *confessar* e os seus derivados preservam o grupo -nf-, seguramente por procederem da liturgia. Temos *infançon* que também apresenta solução única, mas existem duas ocorrências de *ifançon* nas *Cantigas de Santa Maria* e uma numa rubrica da lírica profana.

Quanto ao tratamento do grupo -gn- dentro da escrita das cantigas, regista-se um único caso de conservação total do grupo: *regno* (v.9, 62,2). Relacionadas com esta forma temos *reynar* (v.24, 94,15) (v.34, 120,41) e *reinar* (v.10, 16,5) (v.16, 120,31), soluções relativamente anómalas em que pôde

influir a forma *rei*, tal como indica M. Ferreiro (1999: 61). Extensamente documentada está *sinhal* (v.1, 18,34) (v.6, 63,5) (v.12, 63,5) (v.18, 63,5) (v.10, 87,2) (v.20, 87,2) (v.6, 125,21) (v.9, 125,21) (v.12, 125,21) (v.17, 125,21) (v.25, 125, 21) (v.26, 125, 21) (v.16, 126,9) e as formas verbais, procedentes do mesmo étimo, *consinaria* (v.18, 16,14), *dessinei* (v.24, 13,2), além de *ensinar* (v.24, 2,1) / *ensinade* (v.11, 2,1) / *ensinado* (v.15, 2,1) / *ensinou* (v.21, 2,1) em que se pode observar a redução do grupo consonântico. No entanto, as restantes ajustam-se evolução patrimonial do grupo -gn- para a nasal palatal: *punhar*, *conhocer*, etc.

Passamos agora aos latinismos léxicos, que obedecem habitualmente nos textos poéticos a uma pretensão estilística. Quando se fala da língua dos cancioneiros é frequente assinalar a presença de “arcaísmos” como elemento definatório e distintivo frente ao resto de tipologias textuais. Com efeito, a *koiné* trovadoresca conta com exemplos de formas em desuso noutras variedades da língua escrita. Às vezes, o vocábulo latinizante ou “antigo” convive na mesma composição com a forma inovadora. Deste modo no poema de Johan Garcia de Guilhade, “Don Foan disse que partir queria”, o refrão inicial “Castanhas *eixidas*, e velhas per souto” (v.4, 70,17) muda nas duas seguintes cobras para “Castanhas *saidas*, e velhas per souto” (v.8, 70,17) (v.12, 70,17), substituindo a repetição literal por um sinónimo.

Este tipo de relação semântica está também presente no par *ira* / *sanha* dentro da poesia trovadoresca. Dom Duarte dedica um dos capítulos do *Leal Conselheiro* (1999: 62) à *ira* cujo “propio nome em nossa linguagem é *sanha*”, indica o monarca “que vem de ùu arrebatado fervor de coração por desprazer que sente, com desejo de vingança”. Este trecho revela que o Rei-filósofo, como autoridade didática, considerava necessário não só explicar em que consistia este pecado capital como também indicar a forma correspondente em “linguagem”. No *corpus* que manejamos alterna o uso das duas formas e dos seus derivados. Dentro da expressão poética dos cancioneiros utilizam-se ambos os termos como sinónimos para se referir à reação do amado/amada perante um comportamento inadequado por parte do outro/a. As formas de *ira* são minoritárias dentro do *corpus* trovadoresco frente a *sanha* e os seus derivados que totalizam 73 atestações. Achamos um total de 16 ocorrências de (*h*)*ira* (v.23, 25,43) (v.17, 60,2) (v.3, 71,5) (v.5, 111,3) (v.10, 112,2) (v.5, 120,53) (v.2, 157,43bis) e do adjetivo (*h*)*irado* (v.11, 25, 56) (v.4, 25,102) (v.3, 49,3) (v.6, 49,3) (v.9, 49,3) (v.19, 77,16) (v.6, 95,9) (v.12, 95, 9) (v.18, 95,9). No poema “Quisera vosco de grado falar” do rei D. Dinis encontramos a repetição do verso 4, “ca ey mui gran medo do *hirado*”, substituindo a última palavra do verso pelos sinónimos *mal bravo*, *sanhudo* e *esquivo*. Este recurso, o paralelismo semântico, está presente noutra composição do mesmo autor, combinando novamente os sinónimos *ira* e *sanha*:

(2) O vento lh'as desvia
 levantou-s'alva
 meteus'alva em **ira**
 e-no alto.
 Vailas lavar alva.

O vento lh'as levava,
 Levantou-s'alva;
 meteu-s'alva em **sanha**,
 e-no alto.
 Vai-las lavar alva.

O uso da forma é mais limitado fora dos textos poéticos, através da consulta do TMILG (Varela, 2007) pudemos comprovar que a maioria das atestações, 23 de 25, pertenciam a documentos jurídicos. Aparece dentro da *sanc-tio* –a secção em que se descreviam os possíveis castigos ou sanções a que seriam submetidos os infratores que quebrantassem as disposições emanadas do documento– para referir-se à *ira* divina:

- (3) Et eu pono que se algun a vos contra esta vençon passar ou britar, que aia a **ira** de Deus et a mia maldiçon et peite setecentos soldos de pea a voz del rey et doble a vos os erdamentos sobreditos, et a carta estea firme en seu revor. [M. Romani Martínez (ed.), La colección diplomática de Santa María de Oseira (1025-1310), Santiago, Tórculo Edicións, 1989-1993].

Como explicamos anteriormente nas cantigas o uso dos latinismos léxicos está ligado aos procedimentos de variação sinonímica para construir as formas paralelísticas na poesia galego-portuguesa, por tanto, não está necessariamente ligado (ao contrário do que acontecia na prosa notarial) a manifestações religiosas. Não obstante, temos uma referência a “Deus irado” na cantiga (25,56) de Dom Dinis.

Outro exemplo de emprego estilístico dum latinismo é o caso de *pavor* (v.5, 18,14) (v.25, 18,20) (v.20,18,37) (v.3, 22,10) (v.8, 23,1) (v.19, 23,1) (v.14, 25,16) (v.35, 27,1) (v.3, 43,12) (v.9, 43,17) (v.7, 44,2) (v.3, 44,9bis) (v.8, 47,19) (v.16, 50,2) (v.13, 50,3) (v.10, 50,6) (v.13, 50,9) (v.16, 50,9) (v.5, 51,7) (v.11, 51,5) (v.17, 51,5) (v.19, 51,5) (v.15, 63,13) (v.15, 63,20) (v.4, 63,21) (v.5, 63,46) (v.11, 63,46) (v.14, 63,46) (v.17, 63,46) (v.1, 63,53) (v.10, 64,16) (v.15, 63,13) (v.4, 63,21) (v.5, 63,46) (v.11, 63,46) (v.14, 63,46) (v.17, 63,46) (v.1, 63,53) (v.10, 64,16) (v.16, 70,29) (v.22, 71,5) (v.3, 74,6), etc, somando um total de 121 ocorrências, ante as 65 das formas *medo* ou as 5 de *espanto*. Já no *Appendix Probi* temos a correção da forma protorromance *paor*, que não alcançou difusão no romance galego-português, ao menos na escrita. Para explicar o amplo uso deste vocábulo devemos assinalar que num total de 91 casos é palavra rima, e que a lírica galego-portuguesa opta preferencialmente por finalizar o verso com uma palavra oxítona por influência da lírica provençal.

Ao serem, em galego-português, paroxítonas a maioria das vozes, *pavor* tinha uma alta rendibilidade nas rimas.

O étimo PĒNSĀRE evoluciona em formas divergentes, ou variantes alotrópicas seguindo a definição de Vasconcellos: *pensar* e *pesar*. Diferenciam-se ambas na fonética, por um tratamento diverso do grupo -ns-, e no seu significado, a primeira com de “compreender, refletir” ou “cuidar, tratar” e a segunda com o de “ter pena ou dor”, sentimentos que se expressam frequentemente na poesia dos nossos trovadores. Estas evoluções divergentes são explicadas pelo professor Wright (1976) como uma maneira de evitar que os significados confluem numa voz polissémica, o que impediria ao mesmo tempo as possíveis ambiguidades que pudessem derivar do seu uso.

Um caso singular é o de *frume*² (<FLŪMĪNE) que conta com um só testemunho na lírica profana (v.4, 64,23). A cantiga escarninha fala da pretensa viagem à Terra Santa de um falso peregrino em que aparece uma referência ao rio Jordão, neste caso “frume Jordan”. A significação religiosa deste curso é a causa de que se empregue esta voz procedente do latim eclesiástico no lugar da mais comum: *rio*. De facto, apenas pudemos descobrir uma outra forma *frume* no resto dos textos medievais, outra vez aludindo ao Jordão.

- (4) Tan tost’os que con el eran pelas mãos lo fillaron
e a casa do seu amo adestrado lo levaron;
e poi-lo viu tan maltreito, el e outros choraron,
dizendo: “Rey Jhesu-Cristo, tu que en **Jordan** no **frume**,
[...]
Sennor fuste batizado, fas que aquest’ome veja.”
(Alfonso X, 1989: 183 III, cantiga 338)

Esta influência da liturgia percebe-se também no transvasamento de latinismos procedentes de outros âmbitos. Há uma importante presença de caudal léxico proveniente do discurso religioso, temos a forma proparoxítona *clérigo*, que possuía um significado mais amplo do que lhe damos atualmente, tendo tanto a aceção de “intelectual ou de escolar” como a de “religioso”. Nos textos trovadorescos predomina a segunda das definições, e como grupo social são frequentemente atacados pela sua lascívia. Outros latinismos que podíamos incluir neste âmbito são: *gloriosa*, *confisson*, *christianos* (v.9, 62,1), *spirital* (v.3, 18,34), *Natal* (v.18, 18,47) (v.3, 63,75) (v.2, 87,10) (v.2, 87,13) (v.1, 87,20), *virgo* (v.2, 83,8), *sepulcro* (v.21, 97,28), *altar* (v.10, 93,7) (v.4, 98,1) (v.10, 110,3), *Sancta Scriptura* (v.1, 94,13); junto com o possessivo *nostro* (v.3, 2,5) (v.25, 2,15) (v.4, 2,17) (v.13, 6,4) (v.3, 9,14) (v.8, 11,9) (v.15, 11,12) (v.1, 14,8) (v.16, 17,4) (v.5, 18,20) (v.19, 18,37) (v.2, 22,13) (v.19, 24,2) (v.4, 25,16) (v.14, 25,26) (v.14, 25,34) (v.1, 25,55) (v.8, 25,55) (v.1, 25,56) (v.4, 25,91) (v.6, 25,121) (v.12, 25,121) (v.18, 25,121) (v.19, 25,121) etc., que vai acompanhando *senhor*, quando este substantivo designa o ser supremo, em 180 ocorrências.

Por último, devemos salientar a presença na poesia profana de léxico do âmbito científico, nomeadamente: *planetas*, *físico* (v.2, 2,15) / *físicus* (v.5, 154,13) (v.13, 154,13), [e]strolomia (v.18, 2,15), *astrologia* (v.1, 30,18) (4, 118,3) / *astrologia* (v.30, 30,18), *Mars* (v.3, 30,22) (v.5, 30,22), *Saturno* (v.6, 30,22) (v.19, 30,22) (v.3, 30,22) e *naturas* (v.8, 4,1), que podem ser catalogados como latinismos, embora os quatro primeiros termos sejam de origem grega e fossem transvasados ao romance através do latim. Contudo, a aparição deste léxico está limitado à denúncia de científicos fraudulentos em várias cantigas burlescas.

Para concluir a nossa exposição sobre este tema devemos assinalar, em primeiro lugar, a manutenção de usos latinos dentro da poesia trovadoresca, em alguns casos testemunhais como o de *plazer* que tem apenas duas ocorrências face às 110 de *prazer*. Se seguirmos a interpretação de Wright (1989, 1991), deveremos admitir que a leitura destes latinismos estava condicionada pelas formas patrimoniais, no caso daquelas formas que apresentam variação. Não obstante, a sua presença não pode ser desprezada desde uma postura foneticista, senão que devem ser valorados na investigação das condições em que se desenvolve a escrita medieval e as consequências que tem no posterior desenvolvimento da língua.

Os latinismos nesta fase inicial da escrita romance constituem um apoio vocabular que surge da necessidade de nomear que se tratavam em discursos dos âmbitos científico, jurídico, filosófico e doutrinal que não contavam com versão patrimonial no romance oral (Mariño Paz, 2008: 518). A adaptação destas formas latinas foi condicionada por aspetos da fonética romance como no caso das formas com rotacismo: *prazer*, *frol*, *crerezia*, *frume*, etc. Noutros casos a interferência da norma latina, que perdurou durante séculos através da predicação e da ciência, manteve-se inalterada numa forma conservadora: *clérigo*, *planeta*, etc.

A especificidade do emprego dos latinismos na lírica galego-portuguesa está relacionada com as suas possibilidades estilísticas. Um elemento basilar destas é o recurso à repetição, que explora o latinismo através do paralelismo semântico. Outro elemento que pode condicionar o uso duma ou outra palavra é a rima, como já pudemos comprovar no caso de *pavor*. Quanto ao uso de vocabulário específico dos âmbitos científico e eclesiástico podemos afirmar que é o intermediário usual da crítica dirigida através da poesia satírica a indivíduos que pertencem a estes grupos sociais e/ou profissionais.

Referências

- Lírica profana galego-portuguesa. 2 vols.*, Santiago, Centro Ramón Piñeiro para a investigación en humanidades, 1996.
- Alfonso X (1986-1989) [ed. de W. Mettmann]. *Cantigas de Santa María. 3 vols.*, Madrid: Castalia.
- Alvar, Manuel & Mariner, Sebastián (1967). Latinismos. In. *Enciclopedia Lingüística Hispánica. Vol. II.* Madrid: Centro Superior de Investigaciones Científicas, pp. 3-39.
- Badía Margarit, Antoni Maria (1972). Por una revisión del concepto de “cultismo” en fonética histórica. In. *Studia hispanica in honorem R. Lapesa. I.* Madrid: Gredos, pp. 137-152.
- Benítez Claros, Rafael (1957). Problemas del cultismo. In. *Estudios dedicados a Menéndez Pidal. Tomo VII. I.* Madrid: Centro Superior de Investigaciones Científicas, pp. 17-25.
- Bustos Tovar, José Jesús de (1974). *Contribución al estudio del cultismo léxico medieval.* Madrid: Real Academia Española.
- Clavería Nadal, Gloria (1992). *El latinismo en español.* Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Dom Duarte (1998) [ed. de M. H. Lopes de Castro]. *Leal Conselheiro.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Ferreiro, Manuel (1997). *Gramática histórica galega. II. Lexicoloxía.* Santiago: Laiovento.
- Ferreiro, Manuel (1999) *Gramática histórica galega. I. Fonética e Morfosintaxe.* Santiago: Laiovento.
- Puentes Romay, José Antonio (2007). Latín e romance. Aspectos xerais. In. Ana Isabel Boullón Agrelo (org.) *Na nosa lyngoage galega. A emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media.* Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega-Instituto da Lingua Galega, pp. 95-113.
- Mariño Paz, Ramón (2008). Sobre os conceptos de cultismo e semicultismo e a sua importância. In. Esther Corral Díaz, Lydia Fontoira Surís & Eduardo Moscoso Mato (orgs.) *A my dizen quantos amigos ey. Homenaxe ao profesor Xosé Luís Couceiro.* Santiago: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 513-526.
- Martins, Ana Maria (2007). O primeiro século de português escrito. In. Ana Isabel Boullón Agrelo (org.) *Na nosa lyngoage galega. A emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media.* Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega-Instituto da Lingua Galega, pp. 161-184.
- Menéndez Pidal, Ramón (1994). *Manual de Gramática Histórica Española.* Madrid: Espasa Calpe.
- Molho, Maurice (1985). Apuntes para una teoría del cultismo. *Bulletin Hispanique* 87, pp. 471-484.
- Monteagudo, Henrique (1999). *Historia social da lingua galega.* Vigo: Galaxia.

- Montero Cartelle, Enrique (1979). El influjo de la lengua cultual en la lengua galle-
ga. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 6, pp. 97-105.
- Penny, Ralph (2001). *Gramática histórica del español*. Barcelona: Ariel.
- Rodríguez Río, Xusto A. (1998). O tratamento dos préstamos na norma léxica do
galego. *Verba. Anuario Galego de Filoloxía* 25, pp. 293-322.
- Souto Cabo, José Antonio (2008). O texto das cantigas nas prácticas escriturais do
séc. XIII. In: Manuel Ferreiro, Carlos Paulo Martínez Pereiro & Laura Tato
Fontaiña. *A edición da Poesía Trobadoresca en Galiza*. A Coruña: Baía Edi-
cións, pp. 161-176.
- Varela Barreiro, Xavier (2004-). *Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Gale-
ga*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega,
[<http://ilg.usc.es/tmilg>], [9-28/4/2009].
- Vasconcellos, José Leite de (1968). *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro:
Livros de Portugal.
- Williams, Edwin B. (2001). *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Univer-
sitário.
- Wright, Roger (1989). *Latín tardío y romance temprano en España y la Francia
carolingia*. Madrid: Gredos.
- Wright, Roger (1991). La enseñanza de la ortografía en la Galicia de hace mil años.
Verba. Anuario Galego de Filoloxía 18, pp. 5-25.
- Wright, Roger (1976). Semicultismo. *Archivum Linguisticum* 7, 1, pp. 13-29.